

Tudo na mesma, no Congresso

Apenas no sentido de que possibilitaram uma troca de ocupantes em funções de relevo se haverá de entender como renovação as escolhas dos srs. Paes de Andrade e Nélson Carneiro para substituir os srs. Humberto Lucena e Ulysses Guimarães na presidência das Mesas do Senado Federal e da Câmara dos Deputados. Porque, a rigor, a saída dos parlamentares paraibano e paulista com o acesso dos outros, representantes respectivamente do Ceará e do Estado do Rio, nada muda no cenário do Legislativo. E deixa margem a afirmar que tudo deverá continuar como estava, na mediocridade reinante. Tem-se às vezes a impressão de que o Brasil se encontra no plano inclinado de um processo de decadência cultural que, no mundo de hoje, só é superado por aquele que se apoderou do Irã, desde que esse país foi enquadrado no regime da República Teocrática que se seguiu à queda do Gabinete chefiado por Shahpur Bakhtiar. O mal é insidioso e, atingindo a sociedade como um todo, não poderia poupar a representação no Congresso, espelho das tendências do eleitorado, que não conseguiu se conservar imune ao contágio de uma poderosa massa de notícias e mensagens de sinais antagônicos, explorada por recursos eletrônicos ultramodernos, apta a criar perplexidade geral, e diri-

gida muitas vezes para desinformar e cumprir os objetivos de um mandamento que pode ser resumido em três palavras: *quanto pior, melhor*.

Terá o deputado Paes de Andrade a missão de substituir o presidente da República nos períodos das repetidas viagens que o chefe do governo empreende ao Exterior. No exercício de seu quinto mandato eletivo em Brasília, o representante peemedebista tem volumosa bagagem parlamentar. Para não ir muito longe no tempo, invoque-se apenas a linha por que marcou seu trabalho no Congresso Constituinte que debateu e votou a Carta de 5 de outubro. Lá o sr. Paes de Andrade se credenciou à estima das facções da esquerda que integraram o plenário composto por 559 senadores e deputados. Ele não se escusou de dar seu sufrágio favorável, por exemplo, à tentativa de implantar uma reforma agrária radical, *ziita*, ao voto aos jovens a partir dos 16 anos e à sindicalização dos servidores públicos. A motivação que o impele a fazer política compreende meta de governar o Ceará. Assim, é de crer que a presidência da Mesa da Câmara valha como uma espécie de trampolim para alcançar o Executivo daquele Estado do Nordeste.

No tocante ao Senado, registre-se que o sr. Nélson Car-

neiro passa a presidi-lo na idade avançada de 79 anos. Natural da Bahia, ele se dedica à política há quase 60 anos. Exerceu o mandato eletivo quando o País mergulhou na ditadura do Estado Novo, que o perseguiu e prendeu até que se restabelecesse o funcionamento das instituições políticas da democracia, em 1945. Nélson Carneiro retornou sob a legenda da UDN, de que se afastou, atraído pelo PSD; e se notabilizou por liderar a corrente dos que se batiam pelo divórcio, que acabou por se tornar sua bandeira. Radicou-se no Rio, onde advogou por muito tempo em questões de família. Seu mandato atual foi extraído das urnas fluminenses, em 1982, as quais enfrentou como candidato pelo PTB, o que não o impediu de, pouco tempo depois de empossado, transferir-se para o PMDB.

Seria de esperar que, no propósito de encurtar o caminho que o separa do futuro, o Brasil dispusesse de outros tipos de homem público para dirigir o Parlamento. O retrato falado de um presidente ideal para o Senado e para a Câmara não corresponde à figura dos representantes do Rio de Janeiro e do Ceará. O fisiologismo do PMDB tem em ambos, sobretudo no sr. Paes de Andrade, excelentes espécimes: não os distinguem traços marcantes de independência e cultura que deveriam or-

nar a imagem que recomendasse à estima da opinião pública aqueles que atingissem posições tão elevadas. Afinal, trata-se, de fato, da vice-presidência da República (exercitada pelo presidente da Câmara) e da *vice* dessa vice-presidência (atribuída ao presidente do Senado). Não há erro em dizer que Carneiro ombréia com Lucena e Paes de Andrade com Ulysses Guimarães, todos eles formados nas artes e manhas de uma espécie de politicagem bem-sucedida e muito premiada nos circuitos restritos em que se desempenha.

Nenhum dos quatro tem o condão de despertar entusiasmos e incutir no espírito dos milhões de eleitores brasileiros a esperança por melhores dias, conquistados pela via de uma autêntica renovação de valores cujos pressupostos assentam no combate à mentalidade dominante, segundo a qual a política dá ensejo a que quem a pratique se sirva dela, sem maior interesse por servir ao povo. É sabido que as instituições valem aquilo por que possam credenciar-las os homens que lhes dão vida. Nesse sentido, é de justiça afirmar-se que a rendição de guarda operada no comando do Legislativo federal nada traz de novo e de promissor, limitando-se a ser, na verdade, mera troca de nomes, vazia e melancolica.